Aniversário do Instituto do Ceará

Lúcio Alcântara*

Na segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX o Ceará viveu um tempo de grande excitação intelectual. Efervescência provocada por jovens talentos buliçosos e intelectuais mais maduros que redundou na fundação de grêmios e publicação de livros e no aparecimento de jornais e revistas voltadas para a literatura. Tanta mobilização num meio acanhado de uma província pobre e isolada dos centros mais dinâmicos do país acabou por repercutir em âmbito nacional e chamar atenção de expressivas figuras da cultura brasileira. Dentre outros o crítico literário José Veríssimo assim se pronunciou sobre o clima criativo que então animava nosso Estado: "Fortaleza é a cidade, depois do Rio de Janeiro, onde menos apagada é a vida literária". Um reconhecimento autorizado do quanto aqui então se cultivavam as coisas do espírito.

Desse bulício cultural feito em parte de entidades efêmeras e publicações passageiras que cedo pereceram, emergiram duas instituições que o vento do tempo não carregou. Refiro-me ao "Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico" e à "Academia Cearense de Letras". O primeiro data de 1887, instituição cultural mais antiga do Ceará, cujos 129 anos de vida hoje comemoramos; a segunda viu a luz em 1894 sendo assim, no gênero, a mais antiga do Brasil antecedendo à "Academia Brasileira de Letras". Não é pois de estranhar que as duas entidades tivessem alguns fundadores comuns empenhados na elevação cultural da sociedade cearense dada a limitação do meio e o universo restrito de personagens dispostos a cometer tão nobilitante missão.

As instituições culturais nascidas no século XIX e começo do século XX surgiram numa época em que o Estado tinha modesta dimensão sem intervenção orgânica em certos domínios da vida social. É o caso

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

da cultura, e até da instrução, carências supridas por essas agremiações prestigiadas pelo poder político e econômico. A expansão do Estado com a incorporação de novas atribuições aliada ao crescimento de sua estrutura operacional, a criação de universidades públicas e mais tarde de órgãos estatais de cultura, para nos atermos à área que nos interessa no momento, causou significativo impacto na existência dessas entidades de interesse público colhidas pelo fascínio e o suporte financeiro dos novos atores entrados em cena. Todas sofreram com o novo ambiente administrativo e político que se constituiu e muitas não resistiram à nova realidade. As que sobreviveram experimentaram período de ostracismo e desprestígio vencido pela tenacidade de seus integrantes e a adoção de estratégias de sobrevivência. A admissão nos seus quadros de expoentes da sociedade e da vida pública logrou mobilizar recursos para assegurar funcionamento e representação modestas distantes do apogeu do passado. De modo específico em relação ao Instituto do Ceará como a contribuição dos sócios fosse insuficiente para o funcionamento da Casa fazia-se necessário angariar recursos indispensáveis ao cumprimento de seus objetivos. Havia o desafio de preservar o patrimônio, a sede imponente e o mobiliário histórico corrompidos pelo tempo e conservar o rico acervo de livros, jornais, manuscritos e documentos raros antes que os térmitas devorassem nossa memória. Urgia ainda editar a revista, publicada sob a égide do Instituto sem interrupção desde sua fundação, cujo número anual é lançado nesta noite de gala. Além dessas medidas estruturais, indispensáveis mas insuficientes para sua revitalização impunha-se modernizar a gestão e ajustar as atividades às exigências atuais introduzindo novas tecnologias de acumulação e transmissão da informação, abrindo as portas e oferecendo serviços a pesquisadores, professores e estudantes, comunidade mais afeita à nossa vocação. Eventuais verbas públicas e generosas doações privadas geridas com abnegação por recentes diretorias lograram alcançar esse desiderato, projetando uma imagem contemporânea da instituição retirada do limbo das coisas obsoletas.

Deliberou acertadamente a direção do Instituto conceder na data de nossa maior efeméride a "Medalha Barão de Studart", destinada a homenagear aqueles que tenham prestado relevantes serviços à cultura cearense, a quatro personagens que muito fizeram para a merecer. Valoriza a distinção o patrono da honraria, cidadão laborioso que deixou marcas indeléveis nos movimentos de que participou e nas entidades que ajudou

a fundar e desenvolver. O que me leva a dizer que, sendo um, o Barão foi muitos. Médico humanitário, pesquisador e historiador aplicado e destacado líder católico, deixou um legado de publicações que dizem bem de quem foi e do muito que produziu. Das sociedades que ajudou a criar três vararam um século, o "Instituto do Ceará", a Academia Cearense de Letras" e o "Centro Médico Cearense". A todas presidiu sendo o Instituto a última, na qual morreu no exercício da presidência, em 25 de setembro de 1938. Palmilhando muitos caminhos, aqui e no exterior, foi um pesquisador peregrino que adquiriu e coligiu documentos às suas expensas para fundamentar suas opiniões de respeitado historiador. O renomado Capistrano de Abreu ao se reportar a ele foi categórico: "Podes te gabar que ninguém ainda fez tanto como tu para esclarecer períodos ignorados de 1600 a 1630".

Os quatro agraciados nesta sessão solene são: Abel Alves Rochinha, Beto Studart, Luis Gastão Bittencourt da Silva e Marcos Costa Holanda, homenagem que naturalmente se estende às empresas e instituições que dirigem. A eles devemos expressiva contribuição para renovação do sistema de ar condicionado do auditório, a continuidade dos trabalhos de digitalização e informatização da biblioteca e do arquivo, a publicação da revista, a manutenção da sede e o programa regular de visitas guiadas às nossas instalações oferecidas aos jovens da rede escolar e à comunidade em geral.

A seguir, para conhecimento de todos, faço um breve registro do histórico curricular dos homenageados para que aquilatem o valor de cada um e a importância que representam no contexto econômico e social do Estado.

Abel Alves Rochinha - é engenheiro mecânico formado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), do Rio de Janeiro, mestre em engenharia industrial pela mesma universidade, especialista em administração financeira pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Ingressou no grupo Enel de empresas do setor elétrico no ano de 2004 onde galgou vários postos até assumir a responsabilidade pelas atividades relativas à infraestrutura e redes envolvendo a CIEN, AMPLA e COELCE. O conglomerado se destaca pelo apreciável aporte de recursos em ações culturais mediante as leis de incentivo fiscal.

Beto Studart – de nome próprio Jorge Alberto Vieira Studart Gomes, destaca-se como empresário desde jovem quando assumiu aos 22 anos de idade a presidência da AGRIPEC – indústria de defensivos agrícolas – cuja competência levou-a a se tornar a maior empresa brasileira no setor. Ao aliená-la a um grupo australiano, voltou-se para a construção civil e a área financeira onde continua a colecionar êxitos. Sua vocação de líder e capacidade de articulação conduziram-no a sucessivos cargos em entidades classistas, culminando com a ascensão à presidência da Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC, que administra com o mesmo estilo empresarial operoso e arrojado que o caracteriza. Espírito sensível e inovador, investe no desenvolvimento do primeiro coração artificial de fabricação nacional e na Fundação Beto Studart, de Incentivo ao Talento, que apóia projetos sociais, culturais, esportivos e educacionais em benefício de um número superior a vinte mil pessoas.

Luiz Gastão Bittencourt da Silva – Empresário do setor de serviços, hábil articulador, demonstrou desde cedo pendor para assumir responsabilidades no âmbito corporativo até ser guindado à presidência da FECOMÉRCIO – Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, em decorrência do que preside também os conselhos do Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Espírito moderno, renovou processos, ampliou consideravelmente a área de atuação dos órgãos subordinados mediante maior oferta de serviços à sua clientela alerta às necessidades sociais e de mão de obra em consonância com a demanda gerada pelo desenvolvimento local. Iniciativas próprias, ou em parceria, colocam o SESC como um qualificado promotor cultural.

Marcos Costa Holanda – Economista pela Universidade de Fortaleza – Unifor e engenharia civil pela Universidade Federal do Ceará, onde atualmente é professor titular do curso de economia, implantou e dirigiu no período de 2003/2008 o Iplance, órgão do Estado do Ceará criado como instrumento de planejamento e avaliação das ações de governo. Nesta função destacou-se por ter desenvolvido nova metodologia das exigências para contratação de empréstimos governamentais junto a agências de desenvolvimento internacionais, substituindo metas físicas por compromissos que consagram o princípio da gestão por resultado.

Foi consultor do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e atualmente preside o Banco do Nordeste do Brasil, tradicional apoiador das artes e cultura na região.

Em terra escassa de mecenas, auguro que as homenagens de hoje repercutam a fim de sensibilizar novos apoiadores que nos permitam perseverar na tarefa de fazer cada vez mais do Instituto do Ceará uma instituição útil a quantos aqui chegam movidos pela fome do saber. Não somos um armazém de livros bolorentos e arquivos empoeirados, como podem supor os mal informados, mas uma fonte de preciosas informações acessíveis a todos que por elas se interessem.

O Instituto é velho, e orgulha-se dessa longevidade, mas não é anacrônico porque nasceu e vive inspirado no passado de olhos postos no futuro.

(Discurso pronunciado em 04 de março de 2016, como representante do Instituto do Ceará).